

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE PROFESSORES:  
IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE UMA PESQUISA  
TRANSDISCIPLINAR EM LA**

Paula Baracat DE GRANDE<sup>1</sup>

**RESUMO** Este trabalho apresenta as bases teórico-metodológicas de minha pesquisa de mestrado, intitulada “Processos de formação da identidade profissional de professores em formação continuada” e orientada pela Profa. Dra. Angela Kleiman. Discuto, inicialmente, as abordagens do conceito de identidade relevantes a minha pesquisa, para, então, definir como o conceito é abordado na articulação com a perspectiva dos Estudos do Letramento e a concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, que informam teoricamente a investigação. Por fim, passo às implicações metodológicas trazidas por tal perspectiva transdisciplinar.

**Palavras-chave:** Identidade; Letramento; Dialogismo; Pesquisa qualitativa.

**ABSTRACT:** The article presents the theoretical-methodological lines of my master research. Initially, I discuss the approaches to the concept of identity which are relevant to my research; then, I define how the concept is taken in the articulation with the New Literacies Studies perspective and with the dialogical perspective of language of Bakhtin Circle. Finally, I discuss the methodological implications brought by such a transdisciplinary perspective to a qualitative research.

**Keywords:** Identity; Literacy; Dialogism; Qualitative research

A pesquisa em Linguística Aplicada (doravante LA) tem, como um de seus objetivos, investigar problemas de uso da língua na vida social. Devido à complexidade de fatores envolvidos nessa problemática, a perspectiva transdisciplinar (Signorini & Cavalcanti, 1998) se torna imprescindível, opção que traz questões de ordem teórico-metodológica relevantes. Neste trabalho, discuto as diferentes linhas teóricas e as implicações metodológicas decorrentes da adoção de tal perspectiva em minha pesquisa de mestrado, intitulada “Processos de formação da identidade profissional de professores em formação continuada”, iniciada em março de 2008, no programa de pós-graduação em Linguística Aplicada (IEL-UNICAMP), orientada pela Profa. Dra. Angela Kleiman, financiado pela FAPESP.

Minha pesquisa está inserida no grupo Letramento do Professor que, como afirma Kleiman (2006), parte da premissa de que a formação profissional envolve reposicionamentos sociais que dão forma a uma nova identidade profissional. O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de construção identitária do professor em formação continuada com base tanto em suas filiações a diferentes construtos didático-pedagógicos, como na co-construção

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP).

na interação com o formador, tal qual evidenciado nas observações de aulas, durante um curso de formação continuada, contexto de geração de dados da investigação. Com a pesquisa, pretendo contribuir para os estudos sobre as identidades profissionais dos professores e para a reflexão sobre sua formação, principalmente a continuada.

O *corpus* da pesquisa - composto por gravações e transcrições de aulas, textos de formadores e professores e anotações de diário de campo - foi gerado em um curso de formação continuada do programa Teia do Saber em que realizei observação participante de junho a novembro de 2006, na Unicamp. Está também composto por entrevistas realizadas posteriormente com alguns professores alfabetizadores participantes do curso.

Este trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, discuto as linhas teóricas de minha pesquisa e a articulação entre elas para, na segunda parte, discuto as implicações metodológicas decorrentes da articulação dos pressupostos teóricos adotados.

## **1. IMBRICAMENTOS TEÓRICOS: IDENTIDADE, LETRAMENTO E CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DA LINGUAGEM**

### *1.1 O conceito de identidade*

O conceito de identidade que informa minha pesquisa foi proposto por Hall (1998), que afirma que as identidades na modernidade tardia – ou pós-modernidade – estão sendo “descentradas” (deslocadas ou fragmentadas). Dessa forma, a identidade, a partir das últimas décadas do século XX, é uma “celebração móvel”, isto é, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p.13). O argumento de Hall é que as identidades têm sofrido grandes transformações juntamente com mudanças estruturais das sociedades pós-modernas. Estas transformações estruturais, intensificadas pelo processo de globalização<sup>2</sup>, estão mudando as “identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (p. 9). Hall (1998) defende que, no mundo pós-moderno, como o sujeito torna-se fragmentado, a identidade já não é mais vista como única, essencial ou interior ao sujeito (como o era desde o Iluminismo), uma vez que ele é composto de várias identidades,

---

<sup>2</sup> Hall traz outros autores que compartilham da idéia da fragmentação do sujeito da modernidade tardia, principalmente devido às mudanças globalizantes constantes. Giddens (1990, apud Hall, 1998) defende que as transformações na modernidade ocorrem tanto em grande extensão, com a interconexão social global, como em intensidade, alterando algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. Harney (1989, apud Hall, 1998) afirma que a modernidade tem como marca um processo infinito de rupturas internas no seu próprio interior. Laclau (1990, apud Hall, 1998) argumenta que as sociedades pós-modernas se caracterizam pelas diferenças e pelos antagonismos sociais, que produzem diferentes identidades para os indivíduos.

algumas contraditórias ou não-resolvidas. Hall sustenta que a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural possibilita múltiplas identidades.

O conceito de identidade tem atraído pesquisadores de todo espectro das Ciências Sociais e Humanas (Moita Lopes e Bastos, 2002; Penna, 2006) e, por isso, podemos encontrar muitos estudos interessantes sobre identidade na perspectiva da Linguística e da Linguística Aplicada. Rajagopalan (2002), por exemplo, defende que a identidade de um indivíduo se constrói na/atraves da língua, o que significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa nem independente da língua. Retomando outros estudos seus, Rajagopalan afirma (2002, p. 344) que as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas e estão sempre em fluxo.

Outra abordagem sobre a identidade é a que a considera como múltipla e construída na interação. (Antaki e Widdicombe, 1998; Kleiman, 1998; Moita Lopes, 2006). A identidade não é vista como algo dado ou estático, e sim construída na fala e trazida no detalhe fino da interação cotidiana. Antaki e Widdicombe (1998), a partir da perspectiva da Análise da Conversa, defendem essa abordagem e vêem a identidade de alguém como sua demonstração ou atribuição de pertencimento a uma categoria ou a outra. Nessa perspectiva, a identidade é uma questão de negociação e formulação ativa, situada em um determinado contexto interacional.

Conforme apontam os estudos nas vertentes da sociolinguística interacional, considero, em minha pesquisa, que as identidades são produções sociais nem inteiramente livres das relações de poder que se reproduzem nas microinterações, nem totalmente determinadas por estas relações por força do caráter construtivo, criador de nossos contextos de interação (Kleiman, 1998, p. 271). Ou seja, as identidades profissionais<sup>3</sup> dos professores estão, de certa forma, submetidas às relações de poder – com a Universidade, com as prescrições do Estado, com os formadores, com os textos oficiais, com a escola – mas também podem ser construídas e modificadas nas interações. A identidade é tomada como um conjunto de elementos dinâmicos e múltiplos da realidade subjetiva e social, uma condição transitória e dinâmica, moldada pelas relações de poder que, na percepção dos participantes,

---

<sup>3</sup> Considero que a identidade profissional não é construída somente pela formação formal e pelos conceitos teóricos que a informam. Os saberes profissionais dos professores (conhecimentos, competências, habilidades) constituem uma parte de sua identidade profissional (Tardif, 2000). Os saberes dos professores são plurais e heterogêneos, provenientes de diversas fontes, ressignificados pelos professores a partir de sua prática. Contudo, acreditamos que compreender os processos ligados a formação profissional é relevante para contribuímos para a reflexão sobre a formação e o trabalho do professor e sobre os cursos oferecidos a ele.

estão sendo construídas na interação (Kleiman, 1998). Ao seguir enfoques sociolinguísticos e etnográficos

pressupomos que essas identidades são construídas na produção conjunta de significados sociais e de que há espaço, na interação, para a criação de novas significações, que podem levar à reprodução ou à transformação dos processos de identificação do outro e de reafirmação ou rejeição da identidade dos participantes, dentro dos limites que o caráter normativo das instituições permite. Pressupomos, portanto, que a construção da identidade está determinada pelas relações de poder entre os grupos sociais, mas divergimos de um conceito de identidade baseado apenas na ordem social preestabelecida, tal qual dada pelas relações de poder entre grupos sociais. (KLEIMAN, 1998, p. 281)

Ao estudar processos de identificação na interação em sala de aula de jovens e adultos aprendendo a ler e escrever, Kleiman (1998, p. 274) afirma que esses processos não são predizíveis e não têm necessariamente uma base racional. Segundo a autora, a contradição parece ser inerente à prática social, muitas vezes, devido ao conflito gerado pelas relações de poder entre participantes. Dessa forma, o conflito nas interações no curso de formação continuada observado, além de constitutivo da construção identitária, é tomado como possibilitador de aprendizagens.

Nas interações que serão analisadas, a orientação dos participantes para uma ou outra identidade – a deles e a dos outros – pode ser considerada uma ligação crucial entre a interação em ocasiões concretas e a ordem social circundante (Zimmerman, 1998, p.88). Partindo da mesma concepção construtivista da interação, Zimmerman defende que, embora a interação social tenha uma organização amplamente independente da estrutura social, como defende Goffman (1983), ela é, ao mesmo tempo, fortemente articulada com a ordem macro social. Zimmerman (1998) argumenta que o funcionamento das interações fornece os mecanismos que permitem não só a interação entre atores, mas também formações mais amplas que surgem dessas atividades. Nesse processo de articulação entre a interação em curso e aspectos extra-situacionais, os participantes trazem diferentes vozes sociais em seus discursos, que constituem uma variedade de lugares de enunciação. À luz da concepção dialógica e social de linguagem do Círculo de Bakhtin, discutida mais adiante neste artigo, os construtos didático-pedagógicos trazidos para o curso serão enfocados a partir do conceito de *vozes*, partindo do pressuposto de que o conflito entre elas possibilita novos diálogos, aprendizagens e identidades.

### 1.2 Os Estudos do Letramento

Outro referencial teórico importante para minha pesquisa é a perspectiva sócio-cultural dos Estudos do Letramento. Gee (2000) define Estudos do Letramento<sup>4</sup> como um movimento entre outros que tomaram parte de um movimento maior, a chamada “Virada Social”, caracterizada por tirar o foco do indivíduo e sua mente e se preocupar com a interação e a prática social. Os estudos do letramento são baseados na visão de que ler e escrever só fazem sentido quando estudados no contexto das práticas sociais e culturais dos quais são parte. Esses estudos se alargaram para descrever as condições de usos da escrita, principalmente enfocando as práticas de letramento de grupos minoritários, ou seja, “os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham que os efeitos estariam correlacionados às práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usavam a escrita” (Kleiman, 1995, p.16).

Dentro dessa perspectiva, as práticas de letramento são consideradas como determinadas pelas condições efetivas de uso da escrita, pelos seus objetivos, e mudam conforme a mudança dessas condições. Por isso, parto do pressuposto de que o letramento é situado (Kleiman, 2001). O conceito de práticas de letramento como formas culturalmente construídas em que o letramento serve a fins sociais, reflete valores, padrões de privilégio e propósitos no contexto social. Esses valores, crenças e relações de poder estão em processo constante de contestação e mudança, o que não é ilimitado ou indiferenciado, já que em contextos culturais, há valores e crenças dominantes, que privilegiam algumas práticas de letramento em detrimento de outras. Ao olhar para as práticas de letramento nessa perspectiva, podemos ver a ligação entre estas e as construções identitárias: “a idéia de alinhamento de alguém a valores, crenças e interesses particulares pelas práticas sociais, incluindo as práticas de letramento, concerne à interface entre ‘cultura’ e ‘identidade’” (Ivanic, 1998, p. 66). Ao considerarmos que uma pessoa se envolve em uma constelação de práticas de letramento, a identidade é heterogênea nesse sentido: as pessoas participam de diferentes práticas culturais, que afetam suas práticas de letramento e suas escolhas discursivas.

A partir disso, defendendo que as práticas de letramento (como as ocorridas no curso de formação continuada observado) são constitutivas de identidades profissionais dos

---

<sup>4</sup> Os Estudos do Letramento são denominados pelos autores de língua inglesa *New Literacy Studies*, inaugurados a partir de estudos que mudaram o enfoque dos supostos efeitos universais do letramento para observar os usos da escrita em diferentes contextos. Collins e Blot (2003) fazem a retomada dessa virada, apontando os trabalhos de Heath, Street e Finnegan na década de 80 como fundamentais nessa mudança de perspectiva nos estudos sobre letramento.

professores, pois diferentes formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos estão associadas, entre outros fatores, a identidades e expectativas sociais acerca de modelos de ação e papéis que desempenhamos (Street, 2006), o que também muda dependendo das condições efetivas de uso da escrita.

### 1.3 Concepção dialógica de Linguagem

A terceira vertente teórica a ser articulada com as duas abordagens anteriores é a concepção de linguagem em seus usos reais como dialógica e interativa com base nos estudos do Círculo de Bakhtin. A linguagem, para Bakhtin/Voloshinov (1995)<sup>5</sup>, não se dá no vazio, mas numa situação histórica e social concreta, através da interação. Nessa perspectiva, a linguagem em seus usos reais é caracterizada como de natureza social e dialógica. As relações dialógicas não podem ser restritas a idéia de diálogo face a face, pois todo enunciado é dialógico em seu interior, é constituído pelos discursos dos outros. A idéia de enunciado monológico é uma abstração, pois todo enunciado é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal (p.98). O dialogismo é constitutivo da linguagem e opera em uma dupla dimensão: um enunciado se constitui em relação aos enunciados que o precedem e também em relação aos enunciados que o sucedem na cadeia de enunciação. Dessa forma, um enunciado é sempre uma resposta e, ao mesmo tempo, uma antecipação e uma demanda de uma resposta.

Essa posição é importante para definir as unidades e categorias analíticas a serem utilizadas. Os indícios no discurso dos professores sobre suas filiações a construtos didático-pedagógicos divulgados na escola e nos cursos de formação, como já apontado, serão interpretados como diferentes vozes presentes no discurso de professores e formadores.

O conceito de vozes é discutido a partir do estudo de Bakhtin (1988<sup>6</sup>) sobre o romance, distinguindo este como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal. O romance possui essas características por trazer para seu interior o *plurilinguismo social da língua*. Bakhtin (1988, p.74) defende que a língua apresenta uma estratificação interna em “dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala de gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas”. Essa estratificação interna de cada língua em um dado momento histórico é o que Bakhtin denomina “plurilinguismo social”.

---

<sup>5</sup> A primeira edição de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é de 1929.

<sup>6</sup> A primeira edição de *O discurso no romance* é de 1934/35.

Neste, os diferentes discursos admitem uma variedade de lugares de enunciação, ou de *vozes* sociais.

Segundo o autor (1988, p.96), “a vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais”. E essas várias linguagens do plurilinguismo, apesar de suas contradições sócio-ideológicas, não se excluem umas as outras, mas se interceptam de várias maneiras; são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua interpretação verbal (p. 98). A multiplicidade de vozes ou a *polifonia*, estudada no romance por Bakhtin, encontra-se no universo social objetivo.

A multiplicidade de vozes que caracteriza a polifonia é um fenômeno ideológico na medida em que se dá na linguagem, por meio da palavra. A palavra, para Bakhtin/Voloshinov (1995), é considerada signo social que acompanha e comenta todo ato ideológico. Além disso, a palavra não pode ser vinculada a apenas uma esfera de atividade humana, ela pode estar em todas as esferas e constitui o material semiótico da vida interior. A palavra, encarada como parte do processo de interação entre interlocutores (Stella, 2005), acumula entoações do diálogo vivo dos interlocutores com valores sociais. Dessa forma, considero, conforme Bakhtin/Voloshinov, que a palavra é uma ponte, um território comum entre os participantes, e que

cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto de interação viva das forças sociais (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p.66).

A palavra, enquanto signo ideológico, é lugar de confronto de índices de valor contraditórios, a chamada de *plurivalência social do signo*, sendo que é esta sua característica de ser o entrecruzamento de vozes e apreciações que torna o signo vivo e móvel. Toda palavra comporta duas faces: ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. “Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação a *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (p.113).

Os conceitos das três linhas teóricas adotadas em minha pesquisa são compatíveis entre si, na medida em que a concepção de linguagem dialógica e interativa complementa a perspectiva da sociolinguística interacional e está contemplada na vertente sociocultural dos estudos do letramento. Complementa a primeira, pois traz aspectos macrosociais, como os ideológicos, para a análise das interações, que creio serem constitutivas das identidades dos professores. Está contemplada na segunda, já que a perspectiva sócio-cultural do letramento

se preocupa com os usos reais da linguagem escrita em diferentes contextos e permitem operacionalizar analiticamente conceitos como identidade.

A adoção de uma perspectiva transdisciplinar de pesquisa traz implicações metodológicas relevantes, que serão discutidas na próxima seção.

## 2. IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO DE PESQUISA

A metodologia adotada em minha pesquisa se encontra dentro do paradigma qualitativo de pesquisa (Denzin e Lincoln, 2006; Mason, 1998; Moita Lopes, 1994). A pesquisa qualitativa é situada, e tenta apreender a realidade complexa e as várias vozes que constituem o mundo social. De acordo com Moita Lopes (1994), para isso devemos considerar o envolvimento de questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade. Mason (1998) afirma ainda que essa metodologia de pesquisa deve ser conduzida como uma prática ética e com olhar voltado ao contexto político-social da prática da pesquisa ao pensar no potencial emancipatório que esta pode ter. Isso se torna ainda mais relevante quando consideramos que o conhecimento não é um produto passivo do mundo empírico, e sim um constituinte ativo na construção do mundo natural ou social (Hughes, 1983, p.107).

Dessa forma, ao partir das premissas teóricas anteriormente expostas, o paradigma qualitativo de pesquisa se configura como a perspectiva metodológica que permite estudar as relações entre linguagem, língua escrita e identidade, pois esta concepção teórica transdisciplinar pede por uma metodologia que seja *situada*, que tente apreender as *várias vozes que constituem o mundo social*, permitindo, portanto, essa articulação transdisciplinar. Essa abordagem metodológica é coerente com o problema que investigo, além de estar de acordo com a perspectiva teórica adotada, já que possibilita um exame mais aprofundado de interações entre os sujeitos, especificamente, do modo como essas interações ocorrem em determinadas situações.

Ao partir do campo da Lingüística Aplicada, a abordagem metodológica adquire um desenho mais específico. Moita Lopes (1994, p.333) coloca a linguagem como fundamental e como o caminho para a maneira interpretativa de se fazer ciência, pois ela é a determinante central do fato social e, ao mesmo tempo, o meio de se ter acesso a sua compreensão através da consideração de várias interpretações dos participantes do contexto social sob investigação e de outros pesquisadores. Fabrício (2006) caracteriza a LA como uma prática problematizadora que assume suas escolhas ideológicas, políticas e éticas. A autora, ao retomar estudos dessa perspectiva da LA, parte em defesa de um



hibridismo teórico-metodológico, do fim do ideal de neutralidade e objetividade na produção do conhecimento, do questionamento ético de todas as práticas sociais, inclusive as da própria pesquisa, e da relevância e da responsabilidade social dos conhecimentos produzidos (Fabrício, 2006, p. 51).

Insiro minha pesquisa nessa perspectiva transdisciplinar, a qual entende que os fenômenos sociais “só existem inseridos num campo de problematizações”, que a linguagem é uma prática social e, ainda, que nossas práticas discursivas não são neutras (Fabrício, op. cit, p.48). Dialogando com essa questão da complexidade necessária às pesquisas, Fabrício (2006) afirma que, atualmente, somando-se às questões já colocadas, com os fenômenos característicos da globalização, está em operação um campo de forças plurais que

entrelaça uma série de novos significados, modos de produção de sentidos, práticas, técnicas, instituições, procedimentos de subjetivação e relações discursivas, tornando problemática a adoção de pontos de vista e explicações causais simplistas a respeito dos fenômenos sociais (p. 47).

A partir disso, tomo aqui o fazer pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada como um processo complexo e movente, que traz implicações para a pesquisa e para o pesquisador a partir das abordagens teóricas adotadas. Frente a isso, discuto tais implicações a partir da perspectiva sócio-cultural do letramento e da abordagem sócio-histórica do Círculo de Bakhtin.

A perspectiva sócio-cultural do letramento, adotada em minha pesquisa, demanda, segundo Vóvio e Souza (2005, p.50), combinar um conjunto diverso de situações investigadas, de dados gerados nessas investigações e de documentos institucionais, pois

tais informações não são obtidas em uma abordagem estritamente quantitativa ou que desconsidere que os usos da linguagem são construções sócio-históricas, forjadas nos contextos específicos de sua produção.

Ao ver as práticas de letramento como práticas sociais situadas que envolvem, de alguma maneira, o uso da escrita, o olhar etnográfico se torna relevante para a pesquisa. Esse olhar é direcionado para os detalhes sobre o uso da escrita com o objetivo de descrever o que é, o que está acontecendo, o que as pessoas fazem com a escrita, ao invés de notar, etnocentricamente, o que os sujeitos não fazem a partir do que nós fazemos e julgá-los por tal. Barton (2000, p.167) ressalta que a teoria sócio-cultural do letramento favorece maneiras particulares de fazer pesquisa, as quais priorizam o exame detalhado de instâncias particulares de práticas sociais. Essa abordagem que toma as práticas sociais de uso da escrita como situadas considera que os letramentos são posicionados em relação a instituições sociais, como a educação, e às relações de poder que as sustentam.

Para exemplificar análises inseridas nessa perspectiva, Kleiman (1995, p.48) analisa interações de aulas de alfabetização de jovens e adultos. Sobre isso, afirma que

os estudos etnográficos, que examinam a construção das práticas escolares na interação, se constituem num campo próprio para a transformação da práxis, uma vez que esses estudos permitem perceber a inscrição, no microcontexto da interação em sala de aula, de questões macrossociais, como a ideologia do letramento.

A abordagem sócio-histórica, adotada a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, traz outras implicações metodológicas para este trabalho de pesquisa. O conceito de dialogismo de Bakhtin sempre pressupõe o outro, tanto na constituição de um discurso na cadeia de enunciados, ou seja, a partir dos já-ditos, como no caráter interativo do discurso, que sempre é dirigido a um interlocutor. De acordo com Amorim (2003, p.11), a partir dessa perspectiva, assume-se que o “o quê e o como se diz supõem sempre o ‘outro’ em sua fundamental diversidade”. Dessa forma, o trabalho identitário de todo discurso e de todo texto, “seja na vida seja na arte” ou na pesquisa, é um trabalho plural e intrinsecamente conflitual. Essa postura, assumida na minha pesquisa, implica que entre o discurso do pesquisado e o discurso do próprio pesquisador emerge “uma vasta gama de significados conflituais e mesmo paradoxais” (Amorim, 2003., p.12).

O que Amorim salienta é de grande importância para refletir o fazer pesquisa. Ao assumir o caráter conflitual da pesquisa e da relação entre pesquisador e pesquisado, estou também assumindo que não há transparência nesse processo e que tanto a produção de conhecimento como o texto em que este se apresenta são uma arena onde se confrontam múltiplos discursos. Também concordo que

reconhecer um discurso diverso e um sentido singular não deve impedir que se examine a relação de forças desiguais que o produziu e que o atravessa. O pluralismo do pensamento bakhtiniano, traduzido nos conceitos de dialogismo ou de polifonia, é lugar de conflito e tensão, e os lugares sociais de onde se produzem discursos e sentidos não são necessariamente simétricos (Amorim, 2003, p.16)

Amorim (2003), para discutir as questões éticas da pesquisa, se vale de outro conceito bakhtiniano, o de exotopia, que quer dizer, sucintamente, que meu olhar sobre o outro não coincide com o olhar que ele tem de si mesmo. Dessa forma, enquanto pesquisadora, minha função é captar o modo como o sujeito se vê ou vê uma situação para depois assumir meu lugar exterior e configurar o que vejo sobre isso que o sujeito vê. Por esse motivo, a autora caracteriza esse conceito como uma *doação*: o pesquisador dá ao sujeito uma outra configuração que, somente a partir de sua posição e de seus valores, é possível enxergar. Esse

lugar singular do pesquisador é também o lugar de sua assinatura, o que pressupõe, então, meu lugar de responsabilidade em relação à pesquisa:

assumir um pensamento, assiná-lo, ser responsável por ele em face dos outros num contexto real e concreto, tornar um pensamento um ato, eis o que torna possível um pensamento ético ou, como diz Bakhtin, um pensamento não indiferente (AMORIM, 2003, p.16)

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M.T., SOUZA, S.J. e KRAMER, S. (orgs) **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTAKI, C. & WIDDICOMBE, S. Identity as an Achievement and as a Tool. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). **Identities in Talk**. London: SAGE, 1998.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Ed. 7. Hucitec: São Paulo, 1995.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e Estética**. Hucitec: São Paulo, 1988

COLLINS, J. e BLOT, R. K. **Literacy and Literacies: Texts, Power, and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006

FABRÍCIO, B. F. Lingüística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Moita-Lopes, L. P. (org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, T.T. e LOURO, G. L. 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998

HUGHES, J. A filosofia da Pesquisa Social. In: \_\_\_\_\_. **A Filosofia da Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. Os Significados e a Pesquisa Social. In: \_\_\_\_\_. **A Filosofia da Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

KLEIMAN, A. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In: \_\_\_\_\_ (org) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a pratica social da escrita**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque interacional. In: Signorini, I, (org.) **Língua(gem) e identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998

\_\_\_\_\_. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. E BOCH, F. (orgs.). **Ensino de Língua: Letramento e Representações**. Campinas: Mercado de Letras, 2006

MASON, J. **Qualitative Researching**. London, England: SAGE Publications, 1998

MOITA LOPES, L.P. Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, Vol 10, nº2, p. 329-338, 1994

MCKINLAY, A. e DUNNET, A. 'But you don't class yourself': The Interactional Management of Category Membership and Non-membership. In: ANTAKI, C. & WIDDICOMBE, S. (orgs.) **Identities in Talk**. London: SAGE, 1998

SIGNORINI, I. E CAVALCANTI, M. **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n 8. São Paulo, SP: Humanitas, 2006.

VÓVIO, C. L.; SOUZA, A. L. S. Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In: KLEIMAN, A.; MATENCIO, M de L. M. (Orgs.). **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005

ZIMMERMAN, D. H. Identity, Context and Interaction. In: ANTAKI, C. & WIDDICOMBE, S. (orgs.) **Identities in Talk**. London: SAGE, 1998